

Luz e Sombras na Transição do Século  
(A época de D. Carlos)

António Machado Pires

---

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 855-863



## Luz e Sombras na Transição do Século (A época de D. Carlos)

António Machado Pires

Ainda há pouco entrámos, com alvoroço, no limiar do século XXI.

2001 abriu um século e um milénio. Foi apenas uma data, um número, com uma carga de simbolismo e expectativa, talvez mais forte do que a do século anterior, pois a tecnologia levantou problemas universais: o esperado *hug* 2000, que avariaria milhares de computadores, os fenómenos aliciantes e avassaladores como a globalização, a informação generalizada e a infomobilidade, a rápida circulação do dinheiro pelas transferências bancárias electrónicas, a tele-medicina ou coisas bem menos animadoras, como o terrorismo químico e biológico.

Mas os equadores de século não são tão simplista e aritmeticamente as datas iniciais. Seria muita coincidência. Talvez se possa dizer que o século XX começou com a Primeira Guerra Mundial (1914-18) e que a nossa verdadeira data de "entrada" no século XXI foi o monstruoso atentado de 11 de Setembro de 2001 em Nova Iorque.

O século XIX, cujo final começa difusamente desde os finais da década de 70, teve um crepúsculo peculiar e dramático, que alastrou pelas duas primeiras décadas do século XX. Não tanto pelos grandes conflitos militares ou diplomáticos, não só pelas objectivas crises financeiras que afligiram pequenos países como Portugal, mas principalmente pelas grandes interrogações existenciais e sociais, o homem, a mulher, o trabalho, a justiça social, as grandezas e misérias do triunfo da civilização material, a ciência onnipotente e tanta vez impotente, a hipótese da "morte de Deus", espécie de vingança da felicidade frustrada que a razão e a ciência não atingiram. Suprimida a consolação divina, restam fugas radicais e quase sublimes no seu exagero: para o homem finissecular, "a civilização é uma camisa de forças — só há duas maneiras de a romper: a arte ou o crime". Assim se exprime, reflectindo o seu tempo, António Patrício, nas suas páginas de "Words, Words" (*Serão Inquieto*), dando voz à angústia finissecular.

O século que finda em 1900 é o século da luz do gás, da luz eléctrica, das grandes engenharias do ferro, do comboio, da máquina a vapor aplicada às grandes fábricas, do operariado, da Questão Social, das grandes interrogações da ciência perante o conhecimento objectivo e *positivo* da realidade, que desenvolveu a ciência aplicada, criou uma nova visão da literatura e da arte e acentuou a crise da consciência religiosa, já abalada pelo racionalismo iluminista. Se, para Voltaire, a instrução era a fonte da felicidade, o homem de oitocentos passa a procurar a resolução definitiva de todos os problemas na Ciência. O Deus do Cristianismo foi substituído pelo deus da Ciência e as religiões reveladas pela religião dos benfeitores da humanidade. Prova disso é o culto cívico e laico apregoado em Portugal pela Revista *O Positivismo* (1878-82), dirigida por Teófilo Braga e por Júlio de Matos. A própria ciência, no fim de século, prestam culto príncipes e reis, como o príncipe do

---

\* Universidade dos Açores

Mónaco e o rei D. Carlos, que se esforçou com entusiasmo em desenvolver os estudos oceanográficos, e para alguns foi mesmo melhor cientista do que rei.

A medicina, a engenharia, a sociologia, os transportes, a indústria criam o orgulho da civilização e colocam a Europa no centro da cultura e do mundo. Mas o final desse século tão triunfante foi carregado de decepções, de ilusões perdidas, de quimeras abandonadas. Uns interrogam-se sobre a decadência do homem, estiolado no meio de cidades fumarentas, outros, como o nosso Antero, sobre a filosofia da natureza das naturalistas, principalmente sobre uma nova espiritualidade budista em simbiose com a espiritualidade cristã ocidental, outros querem fugir da aridez ingénuas das explicações positivistas, sociológicas e do romance naturalista e "experimental" (à Zola), emigrando para as regiões etéreas e requintadas de uma arte impressionista e de uma literatura simbolista; outros ainda, à escala diminuta da nação lusitana, constituem-se tolerantemente num grupo autodenominado "vencidos da vida". Ainda que vencedores pela qualidade intelectual das suas vidas, homens como Antero, Eça, Oliveira Martins, Junqueiro, Ramalho (mais velho ...) sentem que a sua hora de revolucionários já passara e que uma nova geração surgira.

Anos 90 — a iniciar a década, a humilhação do Ultimatum (11 de Janeiro de 1890), no princípio do atribulado reinado de D. Carlos, começado em Outubro de 1899. As bem sucedidas diligências diplomáticas posteriores, conduzindo ao tratado de Windsor em 14 de Outubro de 1899, não conseguiram apagar o trauma nacional e as sequelas ficaram na memória cívica, aumentando as simpatias republicanas. Como tantas vezes tem sucedido e sucede, as crises políticas absorvem mais energias psíquicas colectivas que os debates sobre as verdadeiras questões de fundo, que afligem o povo e a identidade de Portugal, na realidade um dos mais velhos países da Europa. Velho, isto é, carregado de histórias e identidade, mesmo que por vezes atribulada.

D. Carlos, nascido em 28 de Setembro de 1863, é um homem da geração de 90 ou do fim do século, sensivelmente da idade de Sampaio Bruno, do médico Ricardo Jorge, de Joaquim Bensaúde, de Teixeira Gomes, de Teixeira Lopes, de Trindade Coelho, de Silva Gaio, de Duarte Leite, de Raul Brandão, de Camilo Pessanha, de António Nobre, de Francisco Lacerda, de Eugénio de Castro, de Roberto de Mesquita, de Gago Coutinho, de David Lopes, de Egas Moniz, médico e futuro prémio Nobel. Dentro de variações etárias aceitáveis, podemos dizer que é da idade ou do tempo de Freud, de Pio XI, de Max Planck, de Conan Doyle, de Bergson, de Husserl, de Unamuno, de Pirandello, de Gorki, de Ghandi.

Ainda viveu no tempo da primeira casa em cimento armado em Paris (1899), do lançamento de um submarino (Laubeuf, 1899), do vôo dos irmãos Wright (1903), do vôo de Santos Dummont (1906), da fotografia a cores dos irmãos Lumière (1907). Um pouco mais adiante, apenas um ano após a morte de D. Carlos, Blériot atravessa a Mancha; em 1910, Marie Curie isola o rádio. A 1 de Fevereiro de 1908, às cinco da tarde, o regicídio começa um virar de página tumultuário que encontraria em 1910 uma nova era na implantação da República. Mas o Portugal *talassa* ou o Portugal republicano — não deixa de ser um país geracionalmente inserido na transição, nas suas esperanças e sombras, uma das quais, à escala europeia e mundial, se aproximava muito. E a batalha de La Lys, na Flandres, custaria a vida a mais de quatro mil soldados portugueses.

A bem dizer, todo o século XIX fora crítico para a política portuguesa. Se lermos o *Portugal Contemporâneo* de Oliveira Martins, ficamos com a impressão de que, para além dos exageros dramatizantes (mas sagazes!) e as intuições do seu autor, o livro documenta uma marcha precipitada de acontecimentos, de vultos protagonizando golpes, de oportunidades falhadas, de uma busca permanente e messiânica de estabilidade. Mas, para além da Regeneração, se Martins continuasse a escrever o livro, ver-se-ia envolvido ele mesmo, como geração e como indivíduo, na sua breve intervenção ministerial. Fontes Pereira de Melo, o "António Maria", homem de brilhante indiscutível acção de fomento, deixara a dívida, o empréstimo, não evitaria (poderia alguém?) essa mazela tradicional da corrupção e do compadrio que fazia engrossar as fileiras republicanas, altamente descontentes com os gastos da corte. Condescendências permanentes, buscas do "homem certo", os "erros", os "erros acumulados que vinham de longe", o "rei absoluto em sociedade anónima", o descontenta-

<sup>1</sup> Coimbra, 1895,<sup>2</sup> edição só nos nossos dias, Lisboa, Cosmos, 1999. Introdução de Sérgio Campos Matos.

mento popular, o "rotativismo" dos partidos... Homens íntegros como o Fontes, o Anselmo Braamcamp? Ou muitos outros? Também, certamente. Mas homens íntegros nem sempre são bons políticos ou bons administradores num país em crise. É preciso habilidade, força... e talvez sorte...

Por essa altura, um destacado intelectual, que fora deputado e depois professor de Filosofia no Curso Superior de Letras, entre 1902 e 1914, Joaquim António da Silva Cordeiro, exprimia-se assim nas notas que deixou no seu livro *A Crise em seus aspectos morais* (1895) \*, tendo estudado as figuras de Herculano, de Teófilo, de Oliveira Martins e os problemas económicos e educativos da Regeneração:

"Nos factos económicos-políticos, o que vimos? A impotência dos homens, os dissídios dos governantes e o indiferentismo da opinião agravaram as doenças do crédito, cuja causa mais grave não vem só do carácter português em degenerescência, porque é internacional e endémica."<sup>2</sup>

Mas todas as crises, mesmo de fulcro essencial económico, se enquadram ou geram graves crises morais. O mesmo autor acrescenta:

"A crise económica volte-se logo em crise moral [...]." Os homens e os partidos tem uma moral no poder e outra na oposição [...]"<sup>3</sup>

Tal estado de espírito, na pena de um católico, que admira a intuição de Oliveira Martins e critica o carácter livresco e amontoada da obra de Teófilo (que acha destrutiva socialmente), dá bem a medida da desorientação, tensão e efeverscência em que se vive social e politicamente na transição do século. Os exemplos e os documentos seriam inúmeros.

Procurando cavar um pouco mais fundo na psique colectiva e na sua relação com a simbólica cultural, talvez se possa dizer que todas as épocas têm uma explicação do Universo, um padrão de felicidade, uma concepção de arte e uma concepção de justiça social.

Os finais do século XIX são bem a síntese de uma turbulenta caminhada numa busca eufórica e frustrada de felicidade e saber ilusoriamente *definitivos*.

Comte e o seu *Curso de Filosofia Positiva* (1850) marcam um meado de século que é eixo de toda uma série de interpretações do mundo. A exigência de cientificidade de leis para as ciências ditas sociais, de um fundamento de observação e indução de leis e de factos verificáveis, ou seja, a filosofia comteana do conhecimento positivo, os avanços da Biologia e da Medicina (Philippe Pinei, Claude Bernard, Pasteur, Lombroso, Maudsley, entre outros), sujeitaram a Literatura a um caminho que mais se parece com o das ciências sociais do que com o da arte, ou seja, criaram a norma ou cânone social de um belo (quando o era!) ao serviço de verdade e de uma moral social racionalista, cientificista, nos casos limite *fisiologista*. É o que acontece nos romances de Zola, entre nós principalmente com Teixeira de Queirós e mais ainda com Abel Botelho e a sua série de romances "Patologia Social". "Au lieu des principes, j'aurai des lois", escreve Zola a propósito da série dos Rougon-Macquart. A "anatomia do carácter", não a "apoteose do sentimento", proclama Eça de Queirós na sua conferência do casino a 12 de Junho de 1871 sobre a nova literatura. Um romance-ensaio, um romance *caso*, um romance com tese, um romance *experimental*, como diria o próprio Zola.

Sobretudo nada de intuições, muito menos de sentimentos!

"O saber abstracto só pode ser a generalização cautelosa de um saber experimental" — escreve Eduardo Prado Coelho — "e quanto menos generalizado, mais perto do concreto, de onde mais científico."<sup>4</sup>

Científico é tudo o que se vê e se explica; o triunfo da humanidade faz-se apenas pela razão, pelo triunfo sobre a natureza bruta e pela concorrência (que um Darwinismo apressado aplicava também de forma simples à vida social). Indispensável conquista do espírito científico, porém ilusória pretensão de que a humanidade atingira um estado definitivo; a palavra chave é *Civilização*: a do ferro, a do comboio, a do conforto supremo, que mil e um artifícios aperfeiçoados completariam cada dia. Qualquer coisa como o 202 de Jacinto em Paris ou as carruagens dotadas de luxos e confortabilíssimas molas com que o diabo tenta Teodoro para o fazer matar o mandarim e ficar rico.

<sup>2</sup>2ª ed., p. 207.

<sup>3</sup>P. 208.

<sup>4</sup>Os *Universos da Crítica*, col. Signos, Lisboa, Edições 70, 1987, p. 212.

<sup>5</sup>A respeito ver o livro de Miguel de Unamuno, *Por tierras de Portugal Y de Espana*, cap. "Desde Portugal".

Ou ainda o messianismo civilizacional e cientificista dos mil e um inventos, pontes, passeios rolantes, fatos auto-aquecidos, ovos artificiais, etc, do aventureiro Galvão, personagem de Teixeira de Queirós.

Ou o D. Sebastião que agora haveria de vir era de um laboratório, como mais tarde diz Junqueiro (a sério!) a Miguel de Unemuno que comenta (irónico!): "e não é isto sebastianismo cientificista"?<sup>5</sup>

Pelos anos 90 romancistas como Teixeira de Queirós e Abel Botelho fazem, nos seus romances, estendal de conhecimentos científicos, aquele, de química, de física, de medicina, este da psicopatologia, a *Patologia social* dos seus *degenerados*. A personagem Galvão, dos romances *D. Agostinho* e *O famoso Galvão*, de Francisco Teixeira de Queirós, representa, ainda que com alguma ironia do narrador, uma crença no triunfo social da Indústria e de novos inventos, que dominaram "a ronqueira natureza." Uma Lisboa nova, um país novo, o exemplo da América, o triunfo da ciência aplicada—eis o messianismo cientificista de Galvão, reduzido porém, romanescamente, a um suicídio... por causas de amor. Do deletério amor que os realistas condenam como contrário à razão positivista.

O século terminaria mesmo com a porta do entusiasmo aberta para o mundo fabuloso dos inventos. A descrição dos equipamentos do 202 de Jacinto em Paris (*A Cidade e as Serras*, de Eça) não é pura imaginação! Muitos objectos de 202 constavam do catálogo da Exposição Universal de 1889.<sup>6</sup>

Mas esta luz universal do Progresso cientificista da era Mecânica começava a ter o seu crepúsculo. As máquinas falhavam, mesmo no rico 202, os homens não se sentiam felizes e, no alto de Montmartre, será o próprio Jacinto quem exclamará, entediado e duvidoso:

"Sim, com efeito, a Cidade ... É talvez uma ilusão perversa!"

Caricaturam-se então as falhas da civilização mecânica, e o próprio Eça, que fará *A Cidade e as Serras* terminar com as máquinas debaixo de lonas no 202 abandonado, também deixará lamentações sobre os "excessos" da civilização material nas suas crónicas e cartas.

Em 1895, Eça deixou dito: "Enganados pela ciência/embrulhados nas subtilidades balofas da economia política, maravilhados como crianças pelas habilidades da mecânica, durante setenta anos construímos freneticamente vapores, caminhos de ferro, máquinas, fábricas, telégrafos, uma imensa ferramenta, imaginando que por ela realizaríamos a felicidade definitiva dos homens e mal antevendo que nos nossos pés e por motivo mesmo dessa nova civilização utilitária, se estava criando uma massa imensa de miséria humana, e que, com cada pedaço de ferro que fundíamos e capitalizávamos, íamos criar mais um pobre!"<sup>7</sup>

O século XIX findava com tumultuosas dúvidas sobre a Ciência, sobre a Democracia, sobre a civilização material. O grande problema de todos os tempos — o da felicidade humana—ainda não fora resolvido! Princípios de incomparável poder e certeza como a vitória de verdade pela ciência e a vitória da Igualdade pela Democracia encontravam-se abalados. Cada avanço enorme da luz da ciência deixava adivinhar a sombra de dúvidas e a necessidade de saber mais e melhor; a proclamação da igualdade dos homens encontrava-se posta em causa pela natureza, onde, darwinianamente, triunfa a desigualdade do mais forte! A mente humana não suporta fortes choques de relativização; queremos, como eternos adolescentes, verdades absolutas, na ciência, na política, na economia, no progresso. Não sabemos que o previsível da matemática se combina com a complexidade e a relatividade da filosofia; não bastava Comte, como ainda faltava Einstein, como hão-de chegar outros. As apregoadas verdades ou soluções sociais ainda são mais complexas ou fluídas. E nelas se mistura o tempero das artes que intervêm na expressão das sociedades.

Como é sabido que já o notara Eça de Queirós em 1893 (no artigo "Positivismo e Idealismo"), o final do século XIX, em vez de continuar cientificista, positivista comteano e naturalista à Zola, torna-se por reacção *espiritualista, simbolista, neo-cristão e místico-socialista*.

A luz da razão entra numa sombra de crepúsculo, onde, a par com novas energias espirituais e novas luzes de fraternidade, nascem amargas flores de nihilismo, de anarquismo, de espiritismo e

<sup>6</sup> Veja-se Marie Hélené Piwnick, "Du 'Jasmeineiro' au 202, Paris, d'Émile Zola?" in *Eça de Queirós et la culture de son temps*, Paris, Fundação Gulbenkian, 1988.

<sup>7</sup> *Cartas Familiares de Paris*, texto integral na *Gazeta de Notícias*, 21 a 25 de Abril de 1895, apud Jaime Cortesão, *Eça de Queirós e a Questão Social*, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 143.

de sensibilidades mórbidas, que a arte e o romance registam sob o nome vago de *degenerescência*.

É então que se verifica, na História, a ressurreição arqueológica animando as imaginações cansadas da aridez positivista; no romance, a busca do culto, do estravagante, que na poesia se quintessencia, no raro, no vago, no simbolismo, num neo-romantismo cerebral e hiper-culto; na pintura, a busca da impressão, da luz, do momento, o desprendimento da objectiva procura do real e do pormenor — para captar algo de mais espiritual, e paradoxalmente, mais *eterno*. Em religião, um neo-franciscanismo esteticizante leva às vidas de Santos (Eça acabou por fazê-las também!), aos mitos e às lendas, a um cristianismo socializante perante as novas *jacqueries*, não já contra os senhores dos Castelos medievais, mas saídas das fábricas da civilização do ferro. S. Francisco de Assis (que Paul Sabatier tratara numa *Vida* datada de 1894) impressiona agora as almas carentes de nova espiritualidade, e o Sr. Melchior de Vogue (que era casado com uma russa) espalha em França o culto do romance russo e o apelo à luz da caridade cristã (por detrás da qual Eça vê espreitar o perigo do novo domínio da Igreja Ultramontana ...). Mas, como escreverá mais tarde Raul Brandão n' *O padre*<sup>8</sup>, o que é preciso é ressurgir o exemplo evangélico da pobreza e da renúncia, contra o ouro, a avidez, a ambição, o poder, a corrupção. Uma igreja longe das tentações do poder temporal — ou como diria Eça de Queirós, uma Igreja que *envia o apóstolo, não o núncio!*

Já o citado Teixeira de Queirós, que teve a pouca sorte de também se chamar Queirós e ter menos talento que o seu homónimo, se queixa, pela sua voz autoral ou pela boca das suas personagens, da questão social, ou seja, da inoperância social da civilização. Diálogos contidos no seu laborioso romance *Caridade em Lisboa* (em 2 vols, 1909) tentam pôr de acordo filosofia, religião, progresso, humanitarismo. Não têm a fulgurância e a oportunidade dos diálogos de Zé Fernandes e Jacinto; nem o ecletismo de Teixeira de Queirós, virado para um pragmatismo de médico e um romantismo exacerbado e tardio, o deixam aproximar-se da fina ironia socrática do outro Queirós. Mas, mesmo assim, *A Grande Quimera* (1919), de Teixeira de Queirós, exprime o desencanto com a Ciência, acaba trágica e romanescamente na explosão do Laboratório do químico Manuel de Sá, que se retira para a Natureza, no Alentejo.

Tempos, porém, em que o desempenho social, nihilista ou anarquista, é grande, e espreita expressão na voz de personagens de Eça de Queirós (como o moço louro do jantar do 202), em Manuel de Sá, chegando de Paris e apresentado pelo outro Queirós, ou ainda em Mateus, de *Amanhã*, romance de Abel Botelho, série "Patologia Social". Esta série, de resto, analisa casos de "diátese da sensibilidade" (homossexualidade, histeria, ambição desregrada, etc), que mostram como a humanidade finissecular do oitocentismo se considera doente... A este respeito é indispensável lembrar as obras do médico austríaco Max Nordau, que, ao estudar o fenómeno da degenerescência e o que chamou as "mentiras convencionais da sociedade", muito contribuiu para divulgar essa atitude de auto-contemplação mórbida da humanidade, envolvendo e "explicando" a própria arte. Até o Simbolismo, "preciosismo lírico contemporâneo", como lhe chama ironicamente Fialho de Almeida, foi considerado, como se sabe, uma manifestação da degenerescência! José Coelho Moreira Nunes, mesmo ao findar o século, em 1899, apresenta, em Medicina, no Porto, uma tese sobre *O Simbolismo como manifestação da Degenerescência*. O Positivismo encarnara fortemente nos médicos, que gozam de um estatuto privilegiado e não só explicam as taras e as mortes de personagens de romances, pontificando *dentro* do seu próprio universo ficcional, como fora, mesmo quando seres de carne e osso sem talento literário e artístico; então explicam a arte como vesânia, loucura,... degenerescência! A tanto chegara o *credo* positivista.

Entre nós, alguns suicídios famosos, os de Camilo, Manuel Laranjeira, Antero, Mousinho de Alburquerque, levam Unanimo a interrogar-se sobre "un pueblo de suicidas". A Mousinho de Alburquerque confessa, em carta, D. Carlos, que tem provavelmente maus ascendentes e dúvidas sobre o seu modo de governar, mas este monarca desafortunado tentou fazer o melhor que sabia. *O Ultimato*, uma série de colaboradores infelizes, a velha pecha da falta de continuidade e aplicação em

<sup>8</sup> É no escrito *O Padre* (1901) que Brandão faz considerações apocalípticas sobre o fim de século, decaído no prazer e na luta de interesses dos mais fortes: "A época é de tragédia. O que domina é o oiro. Só existe um deus — o Gozo. Inteiro descalabro nas consciências. Eu que quero? Tu que queres? Gozar." Cadernos Mnésis, Lisboa, Veja, sd. p. 17

projecto nacionais, o protagonismo volúvel e a corrupção, o mal estar da ditadura de João Franco, o republicanismo crescente liquidaram este reinado fim de século num país em fim de império.

Mas neste fim de reinado um incidente ficaria carregado de simbolismo posteriormente. Projeta-se uma viagem do rei ao Brasil, a comemorar em 1908 o século da chegada de D. João VI ao Rio e da abertura dos portos do Brasil ao comércio externo, aquando da 1- Invasão Francesa. A visita tem algumas sombras. D. Amélia não quer ir a um país que repudiou a monarquia e a sua família de Orléans. O rei, para mais, acabara de ser pai de uma menina nascida de amores com uma brasileira ... As exclamações entusiasmadas e acacias do ministro brasileiro perante o mar, símbolo do Império — *Thalassa, Thalassa* — renderiam, após a revolução republicana de 1910, o qualificativo reaccionário de *Talassas*, aposto aos *anti-republicanos*. Mas, afinal, D. Carlos não conheceria essa talassocracia luso-brasileira; do império do mar ficaria apenas o entusiasmo pela ciência oceanográfica, em que se saía melhor do que na ciência política... Luzes e sombras, muitas sombras caíam sobre essa família real. As acusações de desinteresse do rei, os seus comentários irónicos ao país, as insinuações sobre a figura de D. Amélia, o crescente número de clubes republicanos.

A luz eléctrica, que surge primeiro nos teatros antes das ruas (a Lisboa do P<sup>o</sup> Amaro é a do gás, mas o teatro de S. Carlos, aonde vai Luísa, já é iluminado a electricidade), faz triunfar a noite sobre o dia, permitindo o trabalho a qualquer hora e abrindo a porta para a civilização da electricidade, que sucederia à civilização do ferro. A luz não fora só alterada pela máquina. A pintura deixara de ser realista para captar impressões e a luz dominante. Os impressionistas, exprimindo mais um aspecto da reacção idealista fim de século, dão mais importância ao momento, à luz, à impressão. Dentro em pouco luz e cor entrariam obsessivamente para a escrita de um dos maiores escritores portugueses, nascido em 1867, Raul Brandão, que, depois de escrever em tons de visão dostoevskiana do mundo, também exprime quadros *impressionistas* da costa portuguesa e das ilhas dos Açores e Madeira *n'Os Rescadores* e *n'As Ilhas Desconhecidas*. A luz, natural ou provocada artificialmente, é um tema curiosamente emblemático na literatura e na vida. A civilização — apesar de alguns se queixarem dos seus excessos — criara uma luz que derrotava a noite multi-secular! O Século XIX findava com esse triunfo definitivo que hoje para nós é banal. Ao Sol do Senhor — o homem da civilização contrapunha essa nova e outra luz, a luz eléctrica! Era aquilo em que se tomara a "nova aurora" — "o segredo da aurora", como saúda Guilherme de Azevedo os primeiros candeeiros em Lisboa, em 1878 (veja-se *Alma Nova*)

Mário de Sá Carneiro (*A Confissão de Lúcio*) canta assim a luz eléctrica, num jantar orgiástico em casa da americana: "o mais grandioso, o mais alucinador, era a iluminação. (...) Essa luz-evidentemente eléctrica — provinha de uma infinidade de globos, de estranhos globos de várias cores, vários desenhos, de transparências várias — mas, sobretudo, de ondas que projectores ocultos nas galerias golfavam em esplendor (...). De forma que a luz total era uma projecção da própria luz — em outra luz, seguramente, mas a verdade é que a maravilha que nos iluminavamos não parecia luz. Afigurava-se-nos qualquer outra coisa, um fluido novo. Não divago; descrevo apenas uma sensação real: essa luz, nós sentíamos-la mais do que a víamos. E não receio avançar muito afirmando que ela não impressionava as nossas vista, mas sim o nosso tacto. Se de súbito nos arrancassem os olhos, nem por isso nós a deixaríamos de ver. E depois — eis o mais bizarro, o mais esplêndido — nós respirávamos esse estranho fluido. Era certo, juntamente com o ar, com o perfume roxo do ar, sorvíamos essa luz que, num êxtase iriado, numa vertigem de ascensão — se nos engolfava pelos pulmões, nos invadia o sangue, nos volvia todo o corpo sonoro. Sim, essa luz mágica ressoava em nós, ampliando-nos os sentidos, alastrando-nos em vibratibilidade, dimamanando-nos, aturdindo-nos ... Debaixo dela, toda a nossa carne era sensível aos espasmos, aos aromas, às melodias." (CLpp. 3940).

Toda esta esfusiante excitação fotolátrica, esta adoração e submissão à luz artificial faz simultaneamente lembrar o culto do artificial do decadentismo e as ousadias do modernismo, absorvendo tudo ao mesmo tempo, no caos da vida interior. Lá estão também as sinestésias, tanto em moda na literatura finissecular — e as cores e perfumes "fortes", os roxos...

Finda esse já distante século de oitocentos com uma atmosfera de apreensão e de difusão de esperanças. Um século de triunfos e decepções. Essa *Mechanical Age* (segundo Thomas Carlyle), a era do ferro, do comboio, de Eiffel, das descobertas da Medicina, da psicopatologia, dos nomes de Renan, Hugo, Comte, Balzac, Claude Bernard, Darwin, Hegel, que vê a civilização e a Cidade



como supremos realizações do progresso, vê-se porém confrontada com uma humanidade em sofrimento, com uma matéria que não chega para satisfazer ambições espirituais mais profundas, às quais não sabe já dar um nome, depois de ter posto em causa a Religião.

Um socialismo cristão, das encíclicas ao exemplo do cardeal Manning ("um S. Paulo e um Karl Marx", lhe chama Eça de Queirós), S. Francisco e um franciscanismo que ameaça ser mais literário que real? Uma compaixão à Tolstoi, o neo-cristianismo do Senhor Melchior de Vogue, uma harmonização da cidade com o campo em confusas transigências e concessões que a pena de Eça de Queirós tão bem ironiza em Tormes? Ou a radical resposta romântico-nihilista dos anarquistas, que, em Portugal, mal enchem um banco da Avenida?

Em todo o caso, é o mesmo Eça de Queirós quem, já em 1890, após o *ultimatum*, escreve sobre a suspeição que paira sobre essa Europa Belle Époque da civilização do ferro e dos canhões Krupp:

"O alemão detesta o russo. O italiano abomina o austríaco. O dinamarquês execra o alemão. E todos aborrecem o inglês — que os despreza a todos.

Por toda a parte assistimos assim ao desenvolvimento exaltado do indivíduo nacional. E, com o advento definitivo das democracias, haverá na Europa, não a universal fraternidade que os idealistas anunciam, mas talvez um vasto conflito de povos, que se detestam porque se não compreendem, e que, pondo o seu poder ao serviço do ser instinto, correrão uns contra os outros."<sup>9</sup>

Eça de Queirós profeta da I<sup>a</sup> Grande Guerra? Talvez nem tanto... Foi um homem superiormente inteligente, atento como o seu Fradique Mendes, às coisas do mundo e da História, cuja página, entre luz e sombras, se vira lentamente ...

---

9 "Fraternidade", in *Anátema*, n.º único publicado a propósito do Ultimato, em Maio de 1890. In Eça, *Últimas Páginas*, Porto, Lello, 1912, pp. 419-421.